

## RUBEM BRAGA ANALISA AS ELEIÇÕES AMERICANAS

NOVA YORK, 2 de novembro (Pela Varig) — Não há uma só exceção: todos os institutos particulares, todos os jornais e todas as revistas principais de Nova York fazem a mesma previsão: Dwight David Eisenhower vencerá nas urnas, no dia 6, Adlai Ewing Stevenson. Por outro lado, é prevista uma vitória democrática nas eleições parlamentares. Um presidente republicano continuará, assim, a governar com uma Câmara e um Senado de maioria democrática.

Há, porém, alguma coisa que faz com que os profetas sejam um tanto cautelosos: é o que os republicanos chamam «o espectro de 1948», a famosa eleição em que Truman, contra todos os prognósticos, derrotou Dewey.

### VOTANDO COM A CARTEIRA

A revista «U.S. News & World Report» traz um interessante estudo sobre as possibilidades

## TÔDAS AS PREVISÕES DÃO COMO CERTA A VITÓRIA DE EISENHOWER

### FATORES A FAVOR E CONTRA OS CANDIDATOS

eleitorais. É um fato histórico nos Estados Unidos: quando os eleitores se sentem prósperos, eles votam pela reeleição de quem está no governo. Votam «com a carteira».

A levar isso em conta, não há dúvida que as coisas estão a favor de Eisenhower. Os eleitores, em conjunto, estão ganhando mais, em termos de poder aquisitivo, que em qualquer ou-

tra época da história. Há certamente setores da Nação que não estão gozando dessa prosperidade; é o caso principalmente dos pequenos fazendeiros, que hoje estão ganhando menos e pagando mais pelos produtos industriais que necessitam que há quatro anos atrás.

Duvida-se, entretanto, de que esses descontentes sejam em número suficientemente grande

para contrabalançar o otimismo de grandes camadas da população que, apesar da alta do custo da vida, estão obtendo hoje mais produtos pelo seu dinheiro do que antes. Mesmo porque o voto rural é uma parte relativamente pequena do voto total em muitos Estados; além disso a maioria dos Estados em que os homens do campo estão descontentes é de tradição republicana.

Convém lembrar que o partido que tem a maioria do voto popular em um determinado Estado ganha todos os representantes deste no Colégio Eleitoral que escolhe o presidente; assim não importa nada o fato de Ike ter menos votos populares em certo Estado se ele ainda consegue a maioria dentro de suas fronteiras.

Um jornalista republicano faz um interessante comentário sobre a afirmação de Stevenson de que o homem do povo norte-americano nunca teve tantas dívidas como agora. Diz que isso

(Conclui na 12ª página)

# Rubem Braga Analisa as Eleições Americanas

(Conclusão da 1ª página)

é verdade, mas não indica depressão; indica apenas otimismo. O articulista (Henry Hazlitt) discorda de uma afirmação do famoso cronista Keynes de que «é uma lei psicológica fundamental, na qual podemos confiar inteiramente, que os homens, em média, estão dispostos ao aumentar seu consumo quando suas rendas aumentam, mas não tanto quanto o equivalente ao aumento dessas rendas». Hazlitt diz que as estatísticas americanas destes últimos anos provam coisa diferente: um grande número de pessoas, que estão ganhando mais do que antes, tende a aumentar seu consumo em proporção ainda maior. Vendo que os salários sobem, mas o custo de vida também sobe, essas pessoas mostram uma tendência a tomar emprestados agora os dólares que amanhã pagarão com dólares mais baratos.

Não duvidamos da afirmativa de Hazlitt, em vista do otimismo fundamental do povo americano, e do fato de que o crédito é fácil, qualquer empregado consegue, em um banco, crédito para comprar um automóvel pagando-o em 36 meses a juros que em média são de 4 por cento ao ano.

O «The Wall Street Journal» diz que nunca os americanos compraram tantos artigos de luxo. Aumentam «as vendas de roupas finas, mobílias, alimentos e bebidas caras, viagens de turismo pelo exterior, jóias, peles e Cadillac».

Parece certo que isso reflete o bem estar de grandes camadas do povo americano. Não importa que haja mais desempregados, que a crise do campo acabe refletindo sobre a indústria e que um otimismo exagerado possa conduzir a um desastre; nem que a riqueza esteja se concentrando cada vez mais nas mãos das grandes empresas, em detrimento dos pequenos comerciantes e industriais. A prosperidade geral é um fato.

## FALA DE BARRIGA CHEIA

Outra publicação republicana (quase em sua totalidade a grande imprensa, como as grandes corporações, é republicana) afirma que Stevenson, quando assinala os pontos fracos da política econômica e social de Ike, está falando de barriga cheia. Publicando dados que devem ser verídicos, porque não foram contestados, prova que Stevenson, como capitalista, beneficiou-se também, e bastante, com a prosperidade destes últimos anos republicanos.

Stevenson nasceu rico, embora sempre tenha trabalhado, ou como jornalista ou como advogado ou funcionário público. O único cargo eletivo que já exerceu foi o de governador de Illinois. Em 1952 ele tornou público que sua renda nos dez últimos anos tinha sido de 500.046 dólares, sobre a qual pagara 211.980 de imposto de renda. Ele tem ações de muitas grandes companhias, como a Standard Oil de Nova Jersey, a General Portland Cement Company, a Hilton Hotels Corporation, esta proprietária de alguns dos melhores hotéis — provavelmente dos melhores — dos Estados Unidos. É grande acionista de um jornal muito rentoso, e além disso proprietário de várias fazendas.

Acredita-se que a prosperidade de muitas das grandes companhias de que Stevenson é pequeno acionista tenha lhe aumentado significativamente as rendas nos últimos quatro anos; elas hoje seriam de cerca de 100.000 dólares por ano (o imposto da renda não está descontado); calcula-se também que suas propriedades rurais e pessoais valham cerca de 1 milhão de dólares.

Apesar de tudo isso ninguém duvida da sinceridade de Stevenson quando ele acusa Eisenhower de governar com os grandes homens de negócios, nem da defesa efetiva que ele faz dos pequenos fazendeiros, comerciantes e industriais, assim como dos trabalhadores. É pessoalmente um homem de hábitos muito simples; afirma-se que durante os 4 anos em que foi governador de Illinois comprou apenas um terno novo. Durante a campanha de 1952 ficou famosa uma fotografia sua em que aparecia a sola de seu sapato com um furo causado pelas andanças da campanha, que não lhe deram tempo de comprar um par novo. Hoje um dos símbolos de sua campanha é um sapato furado, o que faz com que os republicanos usem esse símbolo com esta legenda: «Não deixe que seu sapato fique assim: vote em Eisenhower!».

O repórter que escreve estas linhas comprou em uma loja um costume de tropical, feito; quando encontrou Stevenson alguns dias depois, viu que ele estava com um costume absolutamente igual.

## AS FINANÇAS DE EISENHOWER

Ficou famoso o grande esforço de Stevenson para pagar de seu bolso — graças à renda de conferências em jantares e almoços pronunciados nos últimos anos em uma infinidade de cidades norte-americanas — os 800.000 dólares que o Partido Democrático ficou devendo depois da campanha de 1952.

Eisenhower também não demonstra maior apego ao dinheiro. Sabe-se que, quando se candidatou à Presidência, ele abriu mão de uma aposentadoria vitalícia de 19.542 dólares anuais, isentos de impostos, a que tinha direito como general de 5 estrelas, segundo uma lei especial do Congresso.

Ao contrário de Stevenson, Ike, terceiro filho de uma família de 5, nasceu pobre. Quando menino, em Abilene, cuidava das galinhas, tirava leite da vaca, vendia ovos e verduras na cidadezinha. Quando rapazinho ajudou o pai em uma fábrica de laticínios e pegou vários serviços pesados, que entrou para a Escola Militar de West Point.

Suas finanças sempre foram as de um militar comum até que, ao voltar vitorioso da Segunda Grande Guerra, publicou seu livro «Crusade in Europe», um «best-seller». Em 1952 seu capital líquido era de 562.000 dólares, quase todo em consequência da venda do livro. Hoje sua situação deve ser ainda melhor; ele aumentou sem cessar as terras de sua fazenda em Gettysburg, que tinha 189 acres em 1950 e hoje tem 500. Só essa fazenda com suas instalações está avaliada em 200.000 dólares.

Em suma: o menino pobre de Kansas é o pre-

ferido dos grandes homens de negócios, das empresas que dominam o mercado norte-americano e às vezes boa parte do mercado mundial. O rapaz rico de Illinois, acionista de muitas dessas empresas, é o campeão dos pobres, dos velhos aposentados, dos trabalhadores e da pequena burguesia. Stevenson, pelo menos, é um americano que não «votará com a carteira».

## PRÓS E CONTRAS

Escrevo a quatro dias da eleição, quando é pouco provável que surjam fatores novos capazes de modificar a opinião ou o sentimento do eleitorado. É sempre possível uma «bomba» de última hora, e de qualquer modo a evolução dos acontecimentos em Suez poderá ter repercussões imprevisíveis. Neste momento, entretanto, cumprimos o dever de dar um balanço e alinhar aqui os fatores psicológicos que militam a favor e contra cada um dos candidatos.

### PRÓ IKE, CONTRA STEVENSON

— O incontestável prestígio pessoal de Eisenhower, como herói e como homem.

— O fato de haver ele vencido uma guerra (mundial) e acabado com outra (da Coreia).

— A prosperidade dos EE. Unidos sob seu governo. Nunca, na história, este ou qualquer outro país produziu tanto, e seu povo teve um nível de vida tão elevado.

— A preferência das mulheres por Ike; é provável que nesta eleição, pela primeira vez, haja mais votos femininos que masculinos.

— O agitado cenário da política internacional, que faz muitos eleitores preferirem um militar na Casa Branca.

— O apoio decidido da grande maioria da imprensa e dos grandes homens de negócios.

— O medo de que a cessação das experiências com a bomba de hidrogênio e a suspensão do recrutamento obrigatório, advogados por Stevenson, façam com que os EE. Unidos fiquem militarmente mais fracos do que a Rússia;

— O fato de Eisenhower ser um típico pai de família, e não um divorciado como Stevenson.

— O tom otimista de sua campanha.

### PRÓ STEVENSON, CONTRA IKE

— As simpatias gerais pelo Partido Democrático.

— A inteligência e a cultura de Stevenson, que lhe conferem uma categoria intelectual rara em um candidato à Presidência.

— Seu programa de combate aos monopólios e defesa dos trabalhadores e pequenos proprietários.

— A preferência da maioria dos negros e outras minorias étnicas pelos democratas.

— A idade de Eisenhower (66) e sua má saúde (um enfarte e uma fleite).

— O fato do companheiro de chapa de Ike ser Nixon, que muitos eleitores independentes não acham com estatura moral suficiente para eventual presidente.

— A impopularidade de grande parte do gabinete de Eisenhower e da Velha Guarda republicana; inclui-se aqui a fraqueza de Dulles na política externa.

— O temor de que a continuação das experiências com a bomba de hidrogênio acabe contaminando em mais alto grau toda a atmosfera da terra, produzindo câncer nos ossos, leucemia, esterilidade ou graves danos genéticos.

— O descontentamento dos pequenos proprietários, principalmente da lavoura, com a política oficial, e o prestígio de Kefauver nesse meio.

— O voto dos judeus (devido à atitude de Ike contra Israel) que pode dar a Stevenson a maioria talvez decisiva (45 membros do Colégio Eleitoral) no Estado de Nova York.

— O apoio das grandes organizações trabalhistas, embora a constante alta dos salários favoreça Ike.

— O programa de Stevenson de amparo aos velhos aposentados.

## POSIÇÃO DA IMPRENSA

A começar pelo «New York Times» e pelo «Time», a grande maioria dos grandes jornais e revistas dos Estados Unidos está apoiando a candidatura de Eisenhower. Se, porém, a gente entra em contacto com os jornalistas que fazem essa imprensa, a coisa é diferente: a grande maioria dos profissionais é a favor de Stevenson.

Neste ponto, eles seguem, aliás, a maior e a melhor parte da «inteligência» americana. Artistas, intelectuais, professores, cientistas, a grande parte da gente que «trabalha com a cabeça» é a favor de Stevenson.

Parece, por isso mesmo, muito significativo o resultado do inquérito feito entre 50 correspondentes de jornais e revistas em Washington. Não se perguntou a preferência de cada um. Pediu-se o seu palpite sobre o resultado das eleições.

Quarenta e sete dos 50 predisseram a vitória de Eisenhower. 38 acham que haverá maioria democrática na Câmara e 30 acham que haverá maioria democrática no Senado (sendo que 9 acham que o Senado ficará repartido ao meio).

O Colégio Eleitoral que escolherá o presidente é de 531 membros, em números desiguais para cada Estado. A média das opiniões dos 50 jornalistas é de que caberão a Eisenhower os votos de 347 desses eleitores e a Stevenson os de 183, ficando um voto a repartir.

Os 3 únicos correspondentes que previram a vitória de Stevenson estimam que ela será apertada: 289 contra 242; 268 contra 263; 283 contra 248.

É indubitável que a grande, a esmagadora maioria dos 50 jornalistas que fizeram essa previsão vai votar em Stevenson, é próprio um antigo jornalista e correspondente (em Moscou). Ou esses colegas (entrevistados por algum colega do «Newsweek», de onde estou tirando os dados desta nota) são muito pessimistas, ou eles são apenas bons profissionais, capazes de dar uma opinião desapassionada. Mas uma coisa é segura, que eu já senti nas conversas mais longas: nenhum desses que vai votar em Stevenson apesar de achar que ele vai perder, deixa de alimentar a secreta esperança de uma surpresa de última hora...

25/11/56

141